

**CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIFAAT
PEDAGOGIA**

SANDRA PAHIM POGGETTI

**A ARTE COMO SUBSÍDIO PARA A APRENDIZAGEM DE
ALUNOS NO AMBIENTE HOSPITALAR**

ATIBAIA, SP

2021

SANDRA PAHIM POGGETTI

**A ARTE COMO SUBSÍDIO PARA A APRENDIZAGEM DE
ALUNOS NO AMBIENTE HOSPITALAR**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de Licenciatura Plena em
Pedagogia no Centro Universitário
UNIFAAT, sob a orientação do Prof. Me.
Rafael da Nova Favarin

ATIBAIA, SP

2021

Poggetti, Sandra Pahim
P81a A arte como subsídio para a aprendizagem de alunos no ambiente
hospitalar. / Sandra Pahim Poggetti - 2021.
42 f.; 30 cm.

Orientação: Rafael da Nova Favarin

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) – Centro Universitário
UNIFAAT, como requisito para obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia do Centro Universitário UNIFAAT, 2021.

1. Pedagogia hospitalar 2. Arte na infância 3. Arte-educação I. Poggetti,
Sandra Pahim II. Favarin, Rafael da Nova III. Título

CDD 707

Ficha elaborada por Aline de Freitas - CRB8 8860

Dedico este trabalho de pesquisa à todas as crianças que se encontram hospitalizadas. Que nesta fase, a arte ressignifique trazendo cor, vida, fantasia e alegria. Como de fato, a infância deve ser.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer imensamente o meu professor e orientador Me. Rafael Da Nova Favarin, por sua dedicação, competência, compromisso, profissionalismo e amor a profissão. Um exemplo que servirá, sempre, de motivação e inspiração para os caminhos que quero trilhar como pedagoga, arte-educadora e na arteterapia. Aprendi com suas orientações e suas palavras de incentivo, que formar, instruir vai além do cumprimento do currículo e das obrigações, é preparar o caminho através do incentivo para que o potencial de cada aluno, encontre espaço para expandir. Obrigada.

Agradeço a minha querida mãezinha, que hoje não se encontra mais neste plano, mas sei, que sua força, amor e incentivo esteve perto e sempre presente, como sempre foi. Sempre acreditou em meu potencial. E sei que hoje deve estar muito orgulhosa. Dedico a ti, todo meu esforço e amor.

A minha família, meus irmãos, que são o meu alicerce.

Ao meu Pai querido que me ensinou sempre e continua ensinando, que o verdadeiro Amor é perene, que a consciência do amor, de quem somos e daquilo que fazemos, uma vez interiorizado e ao se tornar consciente, permanecerá em tudo e em todos, por onde passamos. Assim desejo que seja meu caminho na educação, através da arte. Que a transformação, seja contínua.

Ao meu marido, por seu apoio, amor e compreensão. Aos meus sogros, pelo carinho e apoio de sempre.

As minhas amigas de faculdade, que juntas crescemos e nos incentivamos, tornando estes anos de docência mais produtivo e divertido.

Não posso deixar de agradecer a Deus, não que esteja por último, mas o *gran finale* é sempre especial. Tenho certeza de que através da nossa intuição, as forças divinas que nos acompanham e nos guiam, preparam os caminhos por onde devemos seguir. Sendo assim, é porque alguma contribuição temos a deixar.

A ciência descreve as coisas como elas são; a arte, como são sentidas, como se sente que são.

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Este trabalho procurou trazer reflexões sobre a Pedagogia Hospitalar, o papel do professor e a importância do uso da arte como subsídio para o desenvolvimento da criança em estado de internação. Partiu da seguinte questão: como o uso da arte pode influenciar no desenvolvimento da aprendizagem e integração de pacientes em situação de internação hospitalar? Seu objetivo geral, procurou analisar a importância do uso da arte, como recurso, para o desenvolvimento da aprendizagem, do sensível, da integração e inclusão do aluno em fase de internação hospitalar e a metodologia, consistiu em uma análise do levantamento bibliográfico de artigos e livros sobre o tema, uma vez que devido à Pandemia não foi possível a realização de uma pesquisa de campo. Com contribuições de autores como: Lev S. Vigotski, Ana Mae Barbosa, João Francisco Duarte Junior, Konder entre outros, foi possível observar que o mundo sensível e estético, contribui sobremaneira ao desenvolvimento da criança e adolescente, inclusive e, sobretudo, em ambiente desafiadores, como no caso de uma internação hospitalar. Forma e conteúdo constituem-se como par dialético ao desenvolvimento e precisam de atenção dos professores. A fase hospitalar traz sentimentos como; insegurança, medo, incertezas, perda da identidade, afastamento social e principalmente um impedimento da interação lúdica cotidiana, tão importante e necessária para o desenvolvimento. Se na escola regular, pensa-se na importância de uma pedagogia com um olhar mais sensível, de escuta afetuosa e de um atendimento humanizado, visando o desenvolvimento integral da criança, na Pedagogia Hospitalar, observa-se a necessidade de um preparo e conhecimentos mais aprofundados sobre seu papel e sua contribuição. Conclui-se que, a partir das mediações artísticas, em suas diversas expressões, é possível contribuir não apenas no desenvolvimento cognitivo, mas na superação de obstáculos e no desenvolvimento afetivo, psicomotor e social. A arte em sua transdisciplinaridade, resgata experiências e vivências interrompidas pela internação, aproxima o contato consigo mesmo o que permite novas sensações e emoções, conseqüentemente desenvolve o pensamento, a imaginação e a criatividade. A arte se torna um dos principais pilares deste processo.

Palavras-chave: Pedagogia Hospitalar. Arte na infância. Arte-educação

SUMARIO

INTRODUÇÃO	07
1 A PEDAGOGIA HOSPITALAR	10
1.1 Pedagogia hospitalar: Um breve relato.....	10
1.2 A formação docente em contexto hospitalar.....	12
1.3 Pedagogia hospitalar e a humanização.....	16
2 A ARTE E A EDUCAÇÃO	19
2.1 Um breve histórico sobre arte-educação no Brasil	20
2.2 O papel da arte na educação	23
2.3 O papel do arte-educador.....	29
2.4 A arte e a transdisciplinaridade de saberes.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERENCIAS	39

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve o intuito de analisar a importância do uso da arte como subsídio para o desenvolvimento da aprendizagem em pacientes em situação de internação. Mais do que a preocupação em resultados tradicionais de ensino, a Educação Hospitalar pede um olhar mais aprofundado para o desenvolvimento do sensível, buscando um ensino mais humano e integral.

A fase hospitalar de um aluno traz sentimentos como, insegurança, medo, incertezas, perda da identidade e afastamento social. Pensando assim, não só o corpo, mas as demais esferas, podem adoecer, trazendo consequências no campo emocional e cognitivo. No que tange os aspectos relacionados à aprendizagem, uma situação de hospitalização, poderá desencadear no aluno restrição cognitiva, prejudicando a imaginação, deixando o pensamento mais restrito e bloqueando a criatividade.

Pensando nisso, compreende-se que a arte pode configurar como subsídio, para despertar a curiosidade através de experiências com a criatividade, imaginação e percepção, contribuindo com o repertório restrito de um ambiente hospitalar.

O que Vigotski chama de mediação, seria a relação entre o homem e o mundo real, fundamentada por uma mediação, ou seja, esta relação não é direta. Neste caso a ferramenta de auxílio desta mediação será a arte em um processo de intervenção, trabalhando o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (REGO, 2000).

Para Vigotski, a linguagem é o principal instrumento de representação simbólica que os homens possuem. A sua função é a comunicação e a compreensão, sendo que, a relação entre o homem e o mundo, só é possível através da linguagem e da comunicação (OLIVEIRA, 1995).

Vendo a arte como um meio de comunicação e expressão dos sentimentos, é que se analisou quais benefícios oferece para o desenvolvimento da aprendizagem no ambiente hospitalar.

A Pedagogia hospitalar implica novos desafios da educação, incluindo a humanização. Desta forma, pode-se incluir questionamentos acerca da afetividade e suas relações com a cognição, quando em situação de internação e uma educação mais comprometida com a reflexão.

Esta pesquisa buscou se aprofundar na Pedagogia Hospitalar e seus desafios. Na importância do uso da arte, para o desenvolvimento do sensível, da integração e inclusão do aluno em fase de internação hospitalar. Buscando através de pesquisa bibliográfica, e artigos científicos contribuições de pesquisadores, filósofos, psicólogos, teóricos, arte-educadores e profissionais da educação, para analisar quais benefícios a arte, como subsídio, pode trazer para o processo ensino-aprendizagem na fase hospitalar.

Henri Wallon, sociointeracionista, acreditava no desenvolvimento do humano como pessoa integral, não sendo possível separar na educação, o homem do meio (MENDES, 2017).

Assim como Wallon, na sua teoria sociointeracionista, temos Vigotski, que em seu conceito traz a interação entre o meio e o indivíduo como essencial para a aprendizagem e o desenvolvimento. É na escola que essas relações também acontecem, por meio das experiências e das interações e quando esse cenário muda, a interação também muda, muitas vezes prejudicando o desenvolvimento cognitivo do aluno.

Esta ruptura não se dá apenas pelo afastamento da escola. Para o paciente há uma ruptura de tudo e todos, da sua rotina, de seus familiares, de seus amigos, de sua vida, de tudo que havia fora e que agora implica em tudo que está dentro. A arte ajuda a estabelecer uma relação entre estes dois mundos, o que está fora com o que está dentro e através desta linguagem, procura-se acessar estes dois mundos, estabelecendo novas relações, novas conexões, resultando em uma ação psicológica mais sofisticada (KONDER, 2002).

Segundo Duarte Junior, arte educador, a arte cria sentidos, dá sentido à nossa vida e que através disso, o ser humano toma consciência do mundo de um jeito não lógico, conceitual. É preciso trabalhar com este corpo sensível em seu cotidiano (DUARTE JR, 1988).

Por este motivo é que, antes de se pensar na educação continuada como direito, há de se pensar no fator social e na afetividade como propulsora do desenvolvimento humano e conseqüentemente, da aprendizagem.

É nesta pluralidade de necessidades sociais e emocionais, que buscaremos o uso da arte, como mediadora e facilitadora destes processos de reintegração, inclusão, aceitação e de ensino / aprendizagem. Nesse processo

formativo, não se pode ignorar o desenvolvimento do sensível e do afetivo. O voltar-se para si, para entender o contexto ao seu redor e relacionar-se com ele.

O mundo é feito de significados transformados em signos (linguagens), nas quais passamos a conhecer tudo e a nós mesmos através da reflexão. Pensando nos sentidos, a arte em suas diversas manifestações, como a poesia, a música, a pintura e tantas outras formas, são signos que nos conduzem a significações do sensível.

A arte é capaz de nos abrir os olhos para maravilhas e espantos inusitados, a partir dos quais sempre se pode depois, evidentemente, refletir e elaborar conceitualmente. Contudo, para que isto ocorra, para que a arte nos abra um mundo, é necessária sempre uma aprendizagem, uma aprendizagem de seus códigos. Mas, atenção: aprende-se a ter experiências estéticas frente à arte, aprendem-se os seus códigos, não a partir de teorias, da filosofia ou da história da arte, mas sim no modo sensível, vivencial, tendo-se contínuo contato com ela (Duarte Junior, 2012, p 364).

Em busca deste saber sensível, através do uso da arte como subsídio, e seus saberes interdisciplinares, é que o presente trabalho se pautou para registrar quais benefícios estes signos podem trazer para contribuir com os conhecimentos inteligíveis, por meio da seguinte questão: Como o uso da arte pode influenciar no desenvolvimento da aprendizagem de pacientes em situação de internação hospitalar?

1. A PEDAGOGIA HOSPITALAR

A Pedagogia hospitalar é uma modalidade de ensino especial, destinada aos alunos que, por motivos de saúde, se encontram impossibilitados de frequentarem a escola e que tem como objetivo proporcionar a continuidade dos estudos.

O pedagogo hospitalar pode atuar tanto no domiciliar, como nas classes hospitalares, sendo o responsável em levar o aprendizado onde se faz necessário, é a ponte entre o conhecimento e os alunos em situação de internação.

1.1 Pedagogia hospitalar: um breve relato

A Pedagogia Hospitalar teve seu início em meados do século XX, na França. De acordo com Maria C. S. Mutti (2016) em seu livro *Pedagogia Hospitalar e Formação Docente*, a segunda Guerra Mundial foi um marco decisório para o surgimento das classes hospitalares devido a quantidade de crianças e adolescentes que sofreram mutilações, ferimentos e que necessitavam de cuidados e hospitalização, muitas vezes, por longos períodos.

No entanto, mesmo antes da segunda grande guerra, já se falava em atendimento escolar no ambiente hospitalar para casos de doenças crônicas. Segundo Oliveira (2013), tal realidade impossibilitava os alunos a frequentarem as escolas, o que motivou Henri Sellier, prefeito de Suresnes, uma região próxima a Paris, a criar as primeiras classes hospitalares em 1935.

Com o grande número de crianças e adolescentes nos hospitais e a implementação da classe hospitalar, outros países como Alemanha, França, e Estados Unidos, seguiram o exemplo de Henri Seller e aderiram a escola nos hospitais com o objetivo de suprirem as dificuldades escolares de crianças com tuberculose (MUTTI, 2016).

Iniciou-se então, as primeiras atividades escolares no ambiente hospitalar. Com isso, surge a necessidade de defender por meio de políticas públicas a legalização e direito à escolaridade no período de internação, com a formação de profissionais especializados para atuarem neste contexto. Segundo Mutti (2016, n.p.):

Então, nesse mesmo ano de 1939, o Ministério da Educação francês criou o cargo de professor hospitalar e também o Centro Nacional de Estudos e de Formação para a infância inadaptada – C.N.F.E.I, de Suresnes, tendo como objetivo a formação de professores para o trabalho em institutos especiais e em hospitais e como missão, até hoje, mostrar que a escola não é um espaço fechado.

Assim, na França, foi criada a função de Professor Hospitalar, com formação de dois anos para sua capacitação a atuação em hospitais.

A Pedagogia hospitalar tem uma história jovem, quando comparada com a história da Pedagogia. Segundo Mattos e Mugiatti (2006), no Brasil, o primeiro hospital a iniciar as classes hospitalares foi o Hospital Municipal Jesus, no Rio de Janeiro, em 1950. Antes disso, esta modalidade foi reconhecida em 1944 pelo Ministério da Educação e do Desporto (MEC) através da política da Educação Especial e normalizada entre os anos de 2001 e 2002, com os seguintes nomes: Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica e Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar.

Atualmente, a pedagogia Hospitalar é uma modalidade de ensino assegurada a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996), que estabelece a educação como direito de todos, garantindo que crianças e adolescentes impedidos de frequentar a escola por precisarem permanecer internadas por problemas de saúde, possam continuar seus estudos e a construção de seus saberes. Este amparo se encontra Lei nº 13.716 que incluiu o artigo Art.4º-A na LDB, para a garantia do atendimento pedagógico em hospitais:

É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa (BRASIL, 2018).

Sendo a educação um direito de todos, crianças e adolescentes que necessitam de uma educação especial, não estão excluídas desse direito. Outro registro que temos no Brasil, sobre a implementação da classe hospitalar, foi no Hospital A.C. Camargo, localizado na cidade de São Paulo, quando inaugurou a proposta de Pedagogia Hospitalar, em 15 de outubro de 1987. De acordo com a biografia disponível na página oficial da instituição, que se tornou referência nacional em classes hospitalares, tem como objetivo a formação dos alunos em tratamento oncológico e sua reintegração ao convívio escolar.

A classe hospitalar, neste hospital, foi inserida pela fundadora, Carmen Prudente, junto com a pedagoga Maria Genoveva Vello, em conjunto com as Secretarias Municipal e Estadual da Educação que abrangem a educação infantil ao ensino médio. Juntas fundaram a Escola Especializada Schwester Heine, unidade educacional dentro do hospital oncológico. Foi a primeira escola em instituição hospitalar privado do país.

Devido a multiplicidade de demandas das necessidades sociais emergentes, o papel da educação em ambientes fora da escola, principalmente no âmbito hospitalar, torna-se cada vez mais importante e necessária, assim como a qualificação do pedagogo hospitalar. Nossa sociedade, atualmente, vive um grande impacto com os avanços tecnológicos e devido a pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)¹, incorporou-se ainda mais o processo digital.

Em contraponto, uma busca maior pela sustentabilidade e um aumento na visão humanizadora nos processos educacionais e de saúde, entram em foco. De acordo com Matos e Mugiatti:

Nos dias de hoje é muito difundida a ideia de qualidade para todas e quaisquer ações. Trata-se de uma louvável predisposição que vem alavancando a sociedade na busca do melhor. Assim, notadamente, nos meios profissionais, percebe-se uma inusitada vontade coletiva de acertos, com esforços concentrados em programas inovadores direcionados à consecução do bem comum. Dentre estes, figura a Pedagogia Hospitalar (MATOS; MUGATTI, 2006, np)

É nesta busca do bem comum e na vontade coletiva de acertos, que falaremos da formação docente e seus desafios em contexto hospitalar, uma vez que a formação do pedagogo hospitalar, traz questionamentos que se diferem do professor que atua em sala de aula formal.

1.2 A formação docente em contexto hospitalar

A Pedagogia Hospitalar ocupa um lugar que vai além de garantir o direito à criança e ao adolescente sobre a continuidade da escolarização. Envolve toda uma compreensão de seu contexto cotidiano, seus protocolos e particularidades, facilitando a interação, inclusão, tornando mais próxima a linguagem do hospital

¹ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. (gov.br/saude)

para o entendimento da criança, amenizando a ansiedade e melhorando a aceitação do tratamento. O hospital é um ambiente que traz desafios no quesito ao reestabelecimento da saúde, mas ao mesmo tempo, é também local de desenvolvimento da infância ao levarmos a escolarização aos pacientes em internação (SOUZA; ROLIM, 2019).

Isto leva a necessidade de considerar o seu crescimento e desenvolvimento em conjunto com as necessidades específicas de cada fase da vida, como afirma Souza e Rolim (2019, p.404): “a criança ao adentrar o hospital, traz consigo uma constituição permeada pelas experiências socioculturais desenvolvidas por meios de suas relações intersubjetivas”.

Uma das características fundamentais para o desenvolvimento do estudante, é considerar as especificidades dos alunos em tratamento de saúde. Por ser um ambiente onde seu cotidiano é lidar com a vida e a morte, saúde e doença, junto ao desenvolvimento e bem-estar da criança, as reflexões se aprofundam acerca da infância e do atendimento pedagógico, como diz Souza e Rolim:

A criança, mesmo hospitalizada, mantém a vontade de estar ativa e de vivenciar experiências comuns à sua idade, situação que, por vezes, é modificada no decorrer da internação. A vontade é capturada e as escolhas típicas da infância são despidas diante das limitações impostas pelas condições do tratamento (2019, p. 404).

Quando partimos do pressuposto que a educação está presente em toda parte e que a escola não é o único espaço para que ela aconteça, percebemos a recorrente ocupação de pedagogos em espaços não escolares. O papel social que é feito através da mediação do pedagogo hospitalar e o estudante, em assegurar os direitos de muitas crianças e adolescentes com a formação interrompida, contribui para a diminuição do fracasso escolar e para a ressignificação da fase vivida pela enfermidade. No entanto, trata-se de um grande desafio para os cursos de Pedagogia que mantêm seu foco na educação escolar e que precisam se atentar para as necessidades sociais a fim de ampliar o olhar e o foco para a formação e qualificação do profissional especializado para atuar em classes hospitalares (TINÉE; ATAÍDE, 2012).

Na Pedagogia com enfoque no espaço escolar, temos diversos estudos, discussões e autores que trazem a importância do desenvolvimento do sensível.

Para o desenvolvimento destas ações pedagógicas, podemos citar como referencial teórico, obras de Rubem Alves, dado o profundo potencial de sensibilização, reflexão e resgate do humano, tanto para os alunos como para os professores, tornando-se urgente o rompimento com os paradigmas da fragmentação das práticas pedagógicas, para mobilizar habilidades e competências que sejam para a vida e não apenas para responder demandas escolares, pois:

se na contemporaneidade, a criatividade, a autonomia e a cidadania, são cada vez mais competências necessárias, o processo de ensino-aprendizagem nos espaços escolares, não podem continuar a privilegiar a repetição, a memorização e a linearidade (SOUZA; BRAZ, 2011, p. 1).

No contexto hospitalar, isso se faz mais necessário, uma vez que o escolar internado já sofre com rupturas do seu convívio social e familiar, trazendo situações, anseios e necessidades individuais que diferem do contexto sala de aula formal e por isso, torna-se urgente práticas criativas e sensíveis ao aluno.

Não há como pensar no desenvolvimento integral e humanizado do escolar hospitalizado, sem antes pensar na formação especializada do pedagogo construindo saberes científicos, éticos, técnicos, mas principalmente, o desenvolvimento de suas habilidades emocionais, para se obter atitudes requeridas ao atuar e dialogar com os mais diversos saberes científicos da saúde que formam a equipe hospitalar, como: médicos, enfermeiros, nutricionistas, psicólogos, entre outros (SILVA; ANDRADE, 2013).

Se pensarmos que a primeira classe hospitalar no Brasil, se deu em 1950, já se passaram 70 anos e muito pouco caminhou, uma vez que pouco se sabe sobre esta modalidade ou se ouviu sobre seu campo de atuação. Com efeito, poucos hospitais e instituições da saúde possuem classes hospitalares.

Ao perguntar por que a especialização do pedagogo hospitalar é importante, podemos apontar vários aspectos que envolvem um ambiente hospitalar relacionando com o desenvolvimento integral.

O pedagogo hospitalar deve ter a compreensão de que a realização de atividades está totalmente condicionada às condições clínicas de cada educando hospitalizado e que, assim como a escola, o profissional faz parte de uma equipe multidisciplinar que envolvem: médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais entre outros profissionais e que tem como objetivo a recuperação não só

física, mas integral dos alunos-pacientes, ou seja, de forma física, psicológica, cognitiva, afetiva e social. (DIAS; RODRIGUES, 2017).

Estes aspectos, exigem uma formação mais humanizada e especializada exatamente para que os professores percebam a importância de possuírem a capacidade de se desenvolverem e refletirem sobre suas ações pedagógicas sustentadas pelas necessidades e peculiaridades de cada paciente (DIAS; RODRIGUES, 2017).

Diante disso, nota-se a importância de o pedagogo hospitalar estar sempre em busca de inovar e aprimorar seus conhecimentos e habilidades socioemocionais, ressaltando desse modo, a necessidade da formação continuada para atuar na Pedagogia Hospitalar, onde não basta somente a formação em Pedagogia.

Isso nos leva a refletir em colocar em prática a possibilidade na formação de professores e pedagogos, a união entre faculdades de educação com hospitais universitários, sendo estes locais para formação de extensão de estudantes da área da saúde, como também, projetos de extensão para estudantes da educação (DIAS; RODRIGUES, 2017).

Diante destas questões, pode-se observar o quão necessário se faz o vínculo entre o hospital e o sistema educacional, visando o avanço de tais propostas para que se encontrem, de modo a oportunizar a especialização do educador, assim como a aproximação de espaços do contexto infantil, para que a infância não fique do lado de fora do hospital. Desse modo, a aproximação da teoria com a prática, onde apenas na vivência se é possível adquirir os conhecimentos necessários e tão peculiares desta profissão.

O preparo do pedagogo hospitalar, como mediador do desenvolvimento, é mais complexa ao se levar em conta a Psicologia Genética que estuda o psiquismo em sua formação e transformação, bem como, seu local de atuação, o ambiente hospitalar, que deve oportunizar o desenvolvimento da criança ou do adolescente.

De acordo com os pressupostos desenvolvidos por Vigotski, o desenvolvimento humano ocorre através da mediação. Ele afirma que as características tipicamente humanas não estão presentes desde o nascimento, muito menos resultado das pressões do meio externo, e sim, resultados da interação dialética do homem e seu meio sociocultural (REGO, 2000).

Com base nesta teoria, pode-se observar a representatividade desta mediação, entre o pedagogo hospitalar e o escolar internado, ultrapassando os limites da aprendizagem como conteúdo curricular, ao instituir-se como elo entre a criança e o mundo fora do hospital (SOUZA; ROLIM, 2019).

A educação está presente em várias discussões a respeito de inclusão, integração e humanização, porém a Pedagogia Hospitalar obriga-nos a olhar para uma sociedade ainda excludente, que contraditoriamente reconhece os direitos educacionais para todos, mas que em muitas instituições da saúde em nosso país, ainda mantém a exclusão, no que diz respeito a escolarização (SOUZA; ROLIM, 2019).

Considerando que o ser humano possui a contínua capacidade de transformar-se e desenvolver-se por toda a vida, assim também ocorre com a Pedagogia, que passou por inúmeras transformações, desde outrora até os dias atuais, onde na contemporaneidade podemos observar o perfil do pedagogo se alinhando às necessidades sociais.

1.3 Pedagogia hospitalar e a humanização

Ao buscar entender ou perceber a humanização, não é possível dissociá-la de suas práticas. Suas ações são guiadas pela compreensão seguida de uma atitude ética e humana através da valorização do sujeito, levando em consideração seus trabalhadores e avaliações dos seus trabalhos. Estas ações são reflexos deste processo de valorização associados a qualidade do cuidado com o outro. (MOREIRA et al., 2017).

Pode ser vista também, como um vínculo entre profissionais e usuários, que engloba a valorização dos trabalhadores e o reconhecimento dos direitos dos usuários. Importante destacarmos aqui, que o termo humanização está longe de ser compreendida apenas como uma ação moral que se escolhe entre o bem e o mal mas, se atentar em que o vínculo entre profissionais e usuários, permeiam entre as práticas de cuidado, como nos processos de sua gestão, onde gerir e cuidar são ações que se complementam, uma vez que “o cuidador cuida e, concomitantemente, gera seu processo de trabalho, enquanto o gestor não se distancia da tarefa de cuidar” (MOREIRA et al., 2015, p.3239). Assim:

A construção de um sentido possível para a expressão *Humanização da Saúde* se enuncia na PNH (Política Nacional de Humanização) em

um novo posicionamento, segundo o qual um homem comum, um ser humano em sua existência concreta, em sua diversidade normativa e nas mudanças que experimenta nos movimentos coletivos. Para os formuladores da PNH, a humanização não se restringe a *ações humanitárias*, nem é realizada por seres humanos imbuídos de uma *bondade supra-humana* na feitura de *serviços ideais*. A nova humanização é um resultado de novas práticas no modo de se fazer o trabalho em saúde, levando-se em conta o trabalho em equipe adicionado a uma troca de saberes, incluindo os usuários e os profissionais (MOREIRA et al, 2015, p.3232).

O tema da humanização nasceu com o programa do Ministério da Saúde, voltado para a atenção hospitalar em 2001 no intuito de elevar o atendimento ao usuário e ao trabalhador de saúde (MOREIRA et al, 2015).

Com o propósito de amenizar os efeitos negativos, sejam eles: físicos, emocionais e sociais, resultantes de uma situação de internação e garantir os direitos, o respeito e a cidadania, a PNH (Política Nacional da Humanização) tem estimulado tais ações, onde sugere a criação de ambientes destinados ao atendimento pedagógico educacional, que visa a continuidade do desenvolvimento cognitivo e educacional, que:

a ação pedagógica, realizada no ambiente hospitalar, representa uma ação conjunta das áreas da educação e saúde que universaliza a oportunidade de escolarização que surge como uma forma de atenção humanizada e integral à saúde da criança (MOREIRA et al, 2015, p.3238).

Visando responder a tais necessidades educacionais do estudante internado e a valorização de seus direitos enquanto cidadão, observamos uma abertura e uma flexibilidade deste processo, como nos mostra, Matos e Mugiatti:

No atual momento já estão mobilizados dezenove Estados de Federação, através de convênios já firmados, por meio dos quais são ofertados aos estudantes de Pedagogia, estágios práticos para complementação dessa específica aprendizagem, devidamente supervisionada por profissionais da educação (2006, n.p).

Com uma maior conscientização e um maior interesse da área da educação e saúde sobre esta temática, já se podem identificar, em certos contextos hospitalares, significativos sinais de incentivo a essa busca dos princípios humanizadores em uma minuciosa revisão de posturas e procedimentos em atenção ao enfermo hospitalizado (MATOS; MUGIATTI, 2006).

Se antes o doente era visto exclusivamente pela sua doença, de forma isolada e unilateral, hoje felizmente, uma nova forma de olhar para ele vem

levando ao entendimento sobre a humanização, promovendo uma mudança na mentalidade daqueles que se dedicam ao trabalho hospitalar. É a superação da passividade, em favor da criticidade (MATOS; MUGIATTI, 2006).

Considerando o cenário hospitalar, é importante entender que a humanização tem seu foco e seu olhar voltado tanto para o paciente internado e seus familiares, quanto para a equipe de saúde, uma vez que a interrelação efetiva e afetiva existente neste convívio, é onde o cuidado se desenvolve de uma maneira mais ética, humana e solidária (MOREIRA et al, 2015).

Nesta busca dos princípios humanizadores, ao entendimento sobre humanização, a Pedagogia Hospitalar humanizadora tem um objetivo e um papel a cumprir.

Nas contribuições em possibilitar o aluno a ter acesso aos conhecimentos e dar continuidade ao seu desenvolvimento na fase hospitalar, buscando qualificar o processo de ensino/aprendizagem, é que no próximo capítulo falaremos sobre a arte e a educação.

2. A ARTE E A EDUCAÇÃO

Para falarmos em Arte-Educação, é preciso antes falarmos sobre a arte, seu papel e a sua influência na história da humanidade. Difícil dissociar a arte da educação ao analisarmos que, desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente nas mais diversas formações culturais.

Em todos os tempos da nossa história nos deparamos com conhecimentos em produção artística, assim como, o processo de ensino e aprendizagem até os dias atuais. Na Pré-História, por exemplo, pode-se referir aos desenhos realizados em cavernas como uma necessidade de expressão humana e que de algum modo, aquele homem aprendeu o ofício e ensinou este ofício para alguém.

No entanto, como é citado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no eixo destinado ao estudo da arte, volume 6, “a área que trata da educação escolar em artes tem percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo” (BRASIL, 1997, p.20).

Difícil definir o que é a Arte. Ao analisar a arte em sua construção, sobre o seu momento técnico, Alfredo Bosi diz:

A arte é um fazer. A arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se transforma a matéria oferecida pela natureza e pela cultura [...] neste sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística (BOSI, 1986, p.13.).

No livro de Alfredo Bosi *Reflexões sobre a Arte*, ele cita Platão, ao lembrar que o filósofo, exercia a arte tanto como músico, acordeando a sua lira, como político, manejando os cordéis do poder e como filósofo, que desmascarava a retórica do sofista, para atingir a contemplação das Ideias. Desse modo, analisa-se “a arte é uma produção; logo, supõe trabalho. Movimento que arranca o ser do não ser, a forma do amorfo, o ato da potência, o cosmos do caos” (BOSI, 1986, p.13).

Ao analisar os pensamentos de Bosi, podemos fazer uma correlação com o que diz os PCNs de arte (1997), ao ressaltar que arte está relacionada com as demais áreas e tem suas especificidades, quando diz:

Esta área também favorece ao aluno relacionar-se criadoramente com as outras disciplinas do currículo. Por exemplo, o aluno que conhece arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático (BRASIL, 1997, p.19).

Desse modo, podemos destacar a arte como uma área multidisciplinar, ao propiciar o desenvolvimento do pensamento, tanto artístico, intelectual, assim como, da percepção estética ao desenvolver sua sensibilidade, percepção e imaginação, criando a capacidade de apreciar tanto sua forma estética, como a dos colegas e de diferentes culturas, o que permite uma compreensão mais significativa das questões sociais (BRASIL, 1997).

2.1 Um breve histórico sobre arte-educação no Brasil

O percurso do ensino da arte no Brasil sofreu mudanças que se relacionam, principalmente, quanto às políticas educacionais e os enfoques filosóficos, pedagógicos e estéticos de cada época, onde observamos a integração de diferentes orientações quanto às suas finalidades, à formação e atuação dos professores (BRASIL, 1997).

Para entendermos esse percurso, precisamos relatar alguns períodos históricos de nossa política. Depois de 1808, quando D. João VI, rei de Portugal, mudou temporariamente a sede do reinado de Lisboa para o Brasil e trouxe boa parte da corte, foi possível ampliar o desenvolvimento cultural no Brasil, uma vez que foram criadas escolas de níveis superior como: medicina, direito, escola militar e uma Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro, para movimentar intelectualmente a corte (BARBOSA, 2016).

Para a inauguração da Academia Imperial de Belas Artes, contrataram artistas e arquitetos bonapartistas do Instituto de França, que chegaram no Brasil em 1816, e que mesmo antes da criação da Academia, passaram anos disseminando o estilo da época, o Neoclássico, combatendo o estilo Barroco, presente no Brasil, condenando-o a ser desprezado e transformando o gosto local (BARBOSA, 2016).

Além disso, religiosos da Igreja Católica, responsáveis em manter as escolas para a elite, ao serem influenciados pelo ensino da Academia,

introduziram no currículo o desenho, copiando estampas e retratos (BARBOSA, 2016).

Anos mais tarde, após ser decretada a República Federativa (1889), o desenho foi obrigatoriamente introduzido nas escolas primárias e secundárias públicas e, com isso, desvinculando o ensino de Arte dos métodos da Academia (BARBOSA, 2016).

Neste período, o ensino de Arte começou a ganhar espaço na educação, porém, destinado a camada popular no intuito de formar mão de obra especializada para o exercício profissional (PERES, 2017).

Com uma visão imediatista e utilitarista da arte, na primeira metade do século XX, as disciplinas; Desenho, Trabalhos Manuais, Música e Canto Orfênico, faziam parte das escolas tradicionais, primárias e secundárias, valorizando as habilidades manuais como *dons artísticos*, concentrando o conhecimento da transmissão de padrões e modelos das culturas predominantes (PERES, 2017).

O ensino da Arte era visto apenas pelo seu aspecto funcional e imediato, do que uma experiência artística. As disciplinas de artes eram reconhecidas e valorizadas apenas por suas contribuições às atividades escolares, como; festividades, apresentações de música, teatro e dança em celebrações de datas comemorativas. Não havia a valorização da expressão livre e criativa, onde o teatro, por exemplo, era tratado com a finalidade de decorar textos e movimentos cênicos para apresentação da escola. A música seguia a tendência tradicionalista representada pelo Canto Orfênico, preparado pelo compositor Heitor Villa-Lobos, que seguia e difundia ideias e princípios condizentes com o momento político da época, mais voltado para a coletividade e civismo. Somente a partir da década de 60, o Canto Orfênico foi substituído pela Educação Musical, criada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, em 1961 (BRASIL, 1997).

A Educação Artística se tornou disciplina obrigatória nos currículos do 1º e 2º grau em 1971, com a Reforma Educacional, que trazia um novo conceito de ensino da Arte, onde as Artes Plásticas, a Música e as Artes Cênicas deveriam ser ensinadas conjuntamente por um único professor da 1ª a 8ª série do 1º grau, com isso, em 1973 iniciou-se os cursos de Licenciatura em Educação Artística, no preparo destes professores (BARBOSA, 2016).

A Educação Artística, mesmo incluída no currículo pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1971, era considerada como atividade educativa e não disciplina. Muitos professores não estavam preparados para o domínio de várias linguagens, onde o sistema educacional enfrentava dificuldades de base na relação teoria e prática, levando a diminuição qualitativa dos saberes referentes as especificidades de cada uma das formas de arte, desenvolvendo a crença de que bastavam propostas de atividades expressivas espontâneas para que os alunos conhecessem música, artes plásticas, cênicas, dança e outros (BRASIL, 1997).

Foi a partir dos anos 80, com as lutas pela redemocratização e com a organização dos artes-educadores brasileiros ao constituir o movimento Arte-Educação no intuito de conscientizar os profissionais, é que houve a ampliação de discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor.

Através das manifestações e protestos contrários à lei que retirava a obrigatoriedade da área, juntamente com o movimento e conscientização dos professores, foi possível evoluir para discussões que geraram concepções e novas metodologias para o ensino e aprendizagem de arte nas escolas. Como citado nos PCNs (1997):

Com a Lei n. 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e a Arte é considerada obrigatória na educação básica: O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos (art. 26, &2º) (BRASIL, 1997, p.30).

Desse modo, a Educação Artística passou a ser identificada como uma disciplina de arte, incluída por uma estrutura curricular com o significado de área, com seus próprios conteúdos ligados a cultura artística e não apenas por atividade. Encerra-se a década de 90 mobilizando novas tendências em Arte, buscando complementar a formação artística dos alunos, com estudos sobre educação estética, a estética do cotidiano, integrando o fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica (BRASIL, 1997).

A elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais no eixo Arte (1997), teve a participação de arte-educadores neste processo, possibilitando a construção de um livro próprio da área de Arte, sendo apresentada como uma área de conhecimento humano, onde estão explícitas as linguagens artísticas com conteúdo próprio, com sugestões que ajudam a criar e elaborar projetos

educativos e a planejar as aulas de Arte, onde se busca a reflexão sobre a prática educativa.

Porém em 2015, com a elaboração da Base Nacional Comum Curricular, em sua primeira versão, o Ensino de Arte perde a posição de área independente, sendo designado para área de Linguagens, como Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, e Educação Física, originando grande preocupação por parte dos arte-educadores brasileiros. Artes, deixava então de ser considerada como uma área que proporciona meios para o entendimento do pensamento e de expressões de uma cultura, direcionando apenas para o fazer, sem focar em sua dimensão crítica e conceitual (PERES, 2017).

Importante atentar de que é preciso haver na BNCC uma abertura para o desenvolvimento do sensível, da visão de mundo através da sensibilidade, como nos alerta Konder (2002, p. 222), sobre a importância da movimentação do “de dentro para fora” (inspiração), que é substituído pelo “de fora para dentro”, que costuma ter uma motivação circunstancial, não propícia a mergulhos profundos da condição humana. Segundo o autor,

A arte proporciona aos seres humanos um conhecimento imediato que jamais é cancelado, que preserva seu viço, que não tem no plano do discurso científico e racional nenhuma tradução que possa substituí-lo ou que corresponda plenamente a ele. Ao mesmo tempo, esse conhecimento imediato pede uma complementação que não o negue, que o respeite e lance sobre ele novas luzes, através de um trabalho de reconhecimento de contradições e estabelecimento de mediações, no esforço de dar conta do movimento humano que passa pela especificidade da criação artística (KONDER, 2002, p.222).

Com isto, o próximo eixo buscará explicar qual é o papel da Arte na Educação, para que se possa entender o lugar que ela ocupa ou que deveria ocupar na educação.

2.2 O papel da arte na educação

Não há como não relacionar o papel da arte na educação, com a importância dada a arte pelo sistema educacional e pela falta de conhecimento dos professores, ao ensinar conteúdos e atividades artísticas. Por muitas vezes, infelizmente, ao transparecerem a falta de criatividade e método em suas aulas, a colocam em um papel secundário nas escolas. A garantia do verdadeiro sentido do ensino da Arte na educação, está na boa formação do professor, na

eficácia dos profundos conhecimentos da arte-educação e seus fundamentos essenciais, para que a aprendizagem seja efetiva e transformadora. É preciso focar a Arte como construção do conhecimento, como realização de experiências no fazer artístico, na reflexão, na apreciação da obra, na estética, na forma produzida pelo homem e pela natureza, e as diferentes culturas (SANTOS; LACERDA, 2021).

É preciso ter foco, definição do currículo da arte e sair do círculo vicioso, como cita os PCNs sobre o eixo Arte:

[..] no qual um sistema extremamente precário de formação reforça o espaço pouco definido da área com relação às outras disciplinas do currículo escolar. Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não conseguem formular um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica; não há material adequado para as aulas práticas, nem material didático de qualidade para dar suporte às aulas teóricas (BRASIL, 1997).

No Sistema educacional brasileiro as concepções de Arte permearam conforme seu marco temporal, o que nos facilita entender o período que se fizeram mais evidentes na educação e adquirir a melhor percepção de sua coexistência e a permanência dessas concepções no decorrer do tempo. Silva e Galvão nos mostra que:

Podemos observar, de acordo com a pesquisa desenvolvida por Silva (2005): a *arte como técnica*, ênfase dada desde o período dos Jesuítas a presença da Academia Imperial de Belas Artes; a *arte como expressão*, situada como no início do século XX com o modernismo no Brasil, passando pela Escola Nova e pelo Movimento Escolinhas de Arte até meados dos anos 1960; a *arte como atividade*, concepção enfatizada por meio da Lei 5692/71, que institui a Reforma Educacional do ensino de 1º e 2º graus, até meados dos anos 80; a *arte como conhecimento* que se situa por volta dos anos 90 até os dias atuais (SILVA; GALVÃO, 2009, p. 142).

Segundo Ana Mae Barbosa, a falta de contexto teórico e ainda anêmico, domina a arte-educação, que deveria favorecer o conhecimento nas e sobre artes visuais. A epistemologia da arte, estaria na forma organizada ao relacionar produção artística com apreciação estética e informação teórica (BARBOSA, 2004).

A identificação e amplificação cultural, está diretamente relacionada ao quanto conhecemos nossa arte. A cultura de um país só é entendida quando

conhecemos sua arte e sem tal conhecimento, teremos apenas o conhecimento parcial da sua cultura. Ana Mae Barbosa reforça dizendo:

Através das artes temos representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças. A Arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem [...] Através da poesia, dos gestos, da imagem, as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia etc., não podem dizer por que elas usam outro tipo de linguagem, a discursiva, a científica que sozinhas não são capazes de codificar nuances culturais [...] Através das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2004, p.1).

Isso demonstra que apenas a prática e o fazer artístico, não desenvolvem as potencialidades que a arte proporciona. A reflexão e a importância da epistemologia do ensino da arte nas escolas ao tirar o foco, apenas do livre expressar-se, e ter um currículo para a arte, foi trazido pela arte/educadora Ana Mae Barbosa, através da abordagem triangular, com o objetivo de sistematizar o ensino ao levar para a sala de aula, a contextualização histórica, o fazer artístico e a apreciação da obra de arte.

A arte-educadora traz a importância de se oferecer repertório aos alunos, tanto histórico, técnico e visual, para através disso, obter subsídios para o sentir e expressar-se.

João Francisco Duarte Jr em seu livro *Por quê Arte-Educação?* Nos diz que a Ciência através de seus conhecimentos científicos com os critérios de “verdades”, tornou-se a base essencial na construção do saber e agir humano, onde relega outras formas do conhecimento (arte, filosofia) a um plano inferior. “A racionalidade tornou-se o valor básico da sociedade moderna” (DUARTE JR., 1988, p. 31).

Nossa sociedade e até mesmo por exigências de nossa civilização, devemos separar nossos sentimentos e emoções de nosso raciocínio e inteligência, ao separar locais e atividades, onde devemos ser racionais e deixar de lado nossas emoções. Desse modo a instituição escolar acaba deixando de fora das salas de aula e reservando apenas os momentos do recreio e das aulas

de artes que permite a fluência de nossos sentimentos e emoções, como se separasse o útil do agradável (DUARTE JR., 1988).

Mas não haveria uma forma de a arte contribuir mais efetivamente para o nosso desenvolvimento?

Elliot Eisner (1933-2014), professor de Educação Artística na *Stanford Graduate School of Education*, um dos mais influentes educadores contemporâneos, debruçou-se sobre o ensino da arte, esforçou-se sobre os papéis desempenhados pela arte na pesquisa em educação, onde destacava as singularidades de uma metodologia designada no Brasil e em Portugal como PEBA (Pesquisa Educacional Baseada nas Artes). Elliot, escreveu inúmeros artigos sobre a arte na escola e o que a arte pode fazer pelo ser-humano (CHARRÉU, 2018).

Segundo Barbosa, em seu artigo *Arte/Educação contemporânea*, diz que as funções da Arte na Educação, segundo Eisner, que operam até os dias atuais, são: autoexpressão criadora; solução criadora de problemas; desenvolvimento cognitivo; cultura visual; ser disciplina; preparação para o trabalho.

Aqui no Brasil, Barbosa diz que: “Dialogamos com o pós-modernismo ou ultramodernismo e sistematizamos nosso próprio sistema com a Proposta triangular, inspirada em múltiplas experiências estudadas em diferentes lugares” (BARBOSA, 2004 apud BARBOSA, p.13).

Seguindo a pesquisa sobre os benefícios da arte, Elliot em seu artigo *O que pode a Educação aprender das Artes sobre a prática da Educação?* acredita na importância de gerar outras visões sobre a educação, valores para concretizar e outras suposições sobre as quais se possa construir uma concepção de prática escolar mais generosa. Esta visão influenciada pelos ideais do historiador de arte inglês e poeta Sir Herbert Read, na qual Elliot concorda, diz que o objetivo da educação deveria ser entendido como a preparação de artistas, que não significa formar pintores, dançarinos, poetas e etc., mas sim, indivíduos que desenvolveram as ideias, as sensações, as habilidades e a imaginação para criar um trabalho que está bem proporcionado, habilmente executado e imaginativo que é independente do domínio em que uma pessoa trabalha (EISNER, 2008).

Eisner (2008), fala sobre as diferentes formas de pensar utilizadas nas criações artísticas e manuais, porém, não servem apenas para os estudantes e sim relevantes para tudo que fazemos, projetos de currículo, à prática de ensinar

e maneiras que os estudantes e professores vivem. Ele descreve algumas das formas de pensar, formas qualitativas de inteligência enraizadas no artístico, que poderiam ser aproveitadas na escola como grande aliada de todas as disciplinas.

Ele diz que qualquer tarefa artística requer a capacidade de compor relações qualitativas que satisfaçam algum propósito. Como exemplo, o que um compositor compõe são relações entre um número virtualmente infinito de possíveis padrões de som, a mesma que um pintor tem em relação a cores, formas, o que difere é a modalidade intermédia e sensitiva, mas a composição das relações mantém-se. O sucesso está no artista ver, ou seja, experimentar as relações de qualidade que surgem no seu trabalho e analisar. Esta análise sobre a forma como as qualidades devem ser organizadas, não necessitam da fidelidade de uma fórmula, diferente da soletração e da aritmética que possuem respostas corretas e modo de se provar. Nas artes os julgamentos são feitos na ausência de regras. O que há, são estilos que servem como modelo, mas as relações qualitativas corretas do trabalho particular é totalmente individual. Na busca do melhor ajuste de seus trabalhos, como, a cor adequada ou uma determinada cor está quente demais, uma percussão que precise ser mais dinâmica, todos estes detalhes e pormenores, a arte ensina que são muito importantes. Com isto, Eisner diz:

As artes ensinam os alunos a agir e a julgar na ausência de regras, a confiar nos sentimentos, a prestar atenção a nuances, a agir e a apreciar as consequências das escolhas, a revê-las e, depois, fazer outras escolhas. [...] Os artistas e todos os que trabalham com a composição de qualidades tentam atingir um "bem ajuste". [...] dependem do conhecimento somático, o sentido de fechamento que uma boa administração gera numa experiência incorporada [...] o trabalho nas artes cultiva os modos de pensar e sentir que eu descrevi; não se pode ter sucesso nas artes sem tais capacidades cognitivas. [...] tais formas de pensamento integram o sentimento e o pensamento de modo que os tornam inseparáveis. Sabe-se que se está certo porque sente as relações. Modifica-se o trabalho e sente-se os resultados. [...] a medida que aprendemos nas artes e através delas, nos tornamos inteligentes qualitativamente. [...] aprender a prestar atenção á maneira como a forma está configurada, é um modo de pensamento que pode ser aplicado a todas as coisas feitas. [...] Precisamos ajudar os estudantes a aprender a perguntar não só o que alguém está a dizer, mas como é que alguém construiu um argumento, uma partitura ou uma imagem virtual (EISNER, 2008, p.10).

Barbosa, diz que das visões que Eisner fala sobre arte-educação, as que dizem respeito a nossa história e aos nossos dias no Brasil são: a expressão

criadora, a solução criadora de problemas, a cognição e a cultura visual. Quanto a cultura visual, há uma grande diferença em relação ao caso americano (BARBOSA, 2005).

Um dos expoentes da ideia de Arte para o desenvolvimento da cognição, foi Rudolf Arnheim (1904-2007). Psicólogo alemão Behaviorista, que emigrou para os EUA em 1940 e em 1968, tornou-se professor de Psicologia da Arte em Harvard. Em suas ideias, seria impossível pensar sem recorrer a imagens perceptivas, uma vez que o pensamento seria algo eminentemente visual ligando-se assim à Psicologia da Forma. Ele afirma que “toda percepção é também pensamento, todo processo de raciocínio é também intuitivo, toda observação é também invenção” (ARNHEIM, 2005, p. XIII) e que o mecanismo pelo qual os sentidos entendem o meio-ambiente são idênticas às operações descritas pela psicologia do raciocínio (ARNHEIM, 2005).

Como as descobertas científicas, as expressões artísticas são uma forma de conhecimento na qual a percepção e o pensamento são indivisivelmente entrelaçados. Uma pessoa que pinta, escreve, compõe, dança, deve-se dizer, pensa com seus sentidos (ARNHEIM, 2005).

Arnheim, nos inícios dos anos 80, foi acusado de formalista na efervescência do Pós-modernismo, no entanto vem sendo recuperado pelos cognitivistas (BARBOSA,2005).

Outro pesquisador, psicólogo, professor e escritor de vários livros que dialoga com o contexto da Educação, abordando temas como: Arte-Educação, Educação Estética e Educação dos Sentidos, é o João Francisco Duarte Junior, onde também diz que, “há um saber sensível, inelutável, primitivo, fundador de todos os conhecimentos, por mais abstratos que estes sejam; um saber direto, corporal, anterior as representações simbólicas que permitem os nossos processos de raciocínio e reflexão” (DUARTE JR., 2000, p. 14).

Duarte acredita que todo e qualquer processo educacional, por mais especializado que ele se mostre, deveria voltar sua atenção para essa sabedoria primordial, para que se possa refletir sobre o nosso sistema (DUARTE JR., 2000).

Contudo, podemos analisar a importante função da Arte na formação do professor, para que somente assim, possa ser introduzida de forma consciente, responsável e com conhecimento e aprofundamento.

Desta maneira, seguiremos com a pesquisa sobre qual é o papel do arte-educador.

2.3 O papel do arte-educador

Ao discutirmos o papel da arte na educação, não menos importante é discutirmos o papel do arte-educador. Para que a pedagogia atinja seu objetivo, sabemos que a boa formação é necessária, mas o arte-educador deve saber da importância do aprofundamento de seus saberes e de suas práticas em ações inseridas em diversos ambientes do hospital, como nas unidades de internação e ambulatorios. Sua presença nesse tipo de instituição, possibilita a prática de inclusão do indivíduo em um sistema no qual ele havia sido excluído pela doença (OMAR; NETO, 2014).

Seu desafio se torna maior, pela pluralidade de necessidades sociais, culturais e emocionais dos alunos, o que mostra a importância do diálogo e da escuta afetiva e dos conhecimentos sócio-histórico e cultural de seus educandos, além da situação fragilizada que se encontram, física e emocional, essa é a principal diferença entre o arte-educador que atua nas instituições de ensino regulares com aquele que atua no ambiente hospitalar. Não que na escola regular não seja importante a escuta afetiva, mas a fragilidade que estes alunos e familiares se encontram tem uma relevância maior.

O que exige do Arte-educador que atua nas classes hospitalares uma maior capacidade de relacionamento interpessoal e de gestão das próprias emoções, portanto, o domínio das competências emocionais o ajudará a lidar com as emoções de seus alunos e de todo o contexto que o envolve, contribuindo assim para a educação do sensível e a educação das emoções na qual a arte-educação se volta hoje, sem se preocupar com a reprodução dos mecanismos de ensino, mas sim considerar as reais necessidades e vivências por parte dos alunos.

Na contemporaneidade, o hospital não é apenas um lugar assistencialista, como no passado, com características de segregação e exclusão. Devido as classes hospitalares, tornou-se um lugar onde o desenvolvimento cognitivo e criativo acontece e conseqüentemente se torna um lugar de ressignificação e integração do aluno com a nova realidade social (OMAR; NETO, 2014).

Sabe-se que um dos fatores motivacionais neste percurso de ensino-aprendizagem é o fator social, conceito tão importante para Vigotski, na qual “a cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem” (OLIVEIRA, 2019, p. 34).

A mediação feita pelo arte-educador através de suas metodologias, buscando a comunicação com o sensível e a ressignificação, é o que Vigotski chama de instrumentos psicológicos, e essa mediação por meio de signos e instrumentos é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. A relação interpessoal mútua e construída entre o arte-educador e o estudante com o meio na qual estão inseridos, fará com que o mundo lá fora e dentro de si se aproxime, transformando-os em processos internos de mediação que contribuirá para o processo de internalização (OLIVEIRA, 1995).

Trazendo as contribuições de Paulo Freire, sabemos que a significação é importante para o educando, e não é diferente quando se trata da arte, conhecer o aluno com suas especificidades individuais, seus valores culturais, suas experiências, sua bagagem de vida, servem de instrumentos relevantes na qual o arte-educador poderá utilizar para o percurso de aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

Não se trata de formar artistas, mas em mostrar a possibilidade em ressignificar de forma criativa nossas vivências por meios das experiências com a realidade (OMAR; NETO, 2014).

O ser sensível e o olhar sensível do arte-educador, faz com que o cuidado não esteja apenas na maneira em organizar sua aula, mas sim em estar atento nas pluralidades e nas novas relações que os alunos podem estabelecer com o conhecimento. Fundamental que o arte-educador coloque estes alunos em contato com as mais diversas manifestações artísticas como artes visuais, música, poesia, artes plásticas e seus contextos teóricos. Sempre respeitando os interesses deste aluno, importante ser flexível as diferentes realidades de seus alunos-pacientes, para só assim definir seus métodos de ensino e seu planejamento de aula.

Hoje temos o auxílio da tecnologia com a inclusão da arte, facilitando o ensino das artes visuais, levando ao conhecimento e a apreciação da obra de arte, que permite o aluno conhecer, sentir, formar opiniões e vivenciar. “Tudo se

torna matéria viva para as emoções e os pensamentos, por vez, presos as camas dos hospitais” (MAGALHÃES, 2012, p. 12).

Rudolf Arnheim, como já vimos no capítulo anterior, já dizia sobre a importância da imagem para a construção do pensamento. Assim como a música, que através da sonoridade e melodia pode elevar ou não a nossa vibração, ativando e trabalhando as emoções, é comprovado que tudo no mundo emite um som e um tipo de vibração, mesmo que imperceptível aos nossos ouvidos, contribuindo para elevar nossos pensamentos, nossa consciência, nossa energia.

O papel do arte-educador, está nesta mediação entre o sensível, o emocional e o espiritual com a realidade, que proporcionará através do desenvolvimento artístico, o desenvolvimento interpessoal do aluno-paciente buscando seu desenvolvimento e sua saúde integral.

Segundo Barbosa (2004), a arte traz representações simbólicas dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais, como uma linguagem dos sentidos que transmite significados que não são transmitidos por nenhum outro tipo de linguagem, pois estas trazem a comunicação discursiva e científica.

Porém, de nada adianta a arte por si só se não houver o profundo comprometimento, conhecimento e desenvolvimento da inteligência emocional por parte do arte-educador, com foco e metodologias adequadas que estejam de acordo com as vontades e a realidade do aluno.

2.4 A arte e a transdisciplinaridade de saberes

Até aqui, já foi falado sobre o papel e a contribuição da arte na educação, sendo matéria multidisciplinar e transdisciplinar ao contribuir com vários saberes, entre eles: a educação, a saúde e a arte, buscando ressignificar e resgatar a dimensão integral do estudante internado, com os processos de autoconhecimento, desenvolvimento e integração.

Por ter a arte como um ponto em comum, muitas vezes a arte-educação é confundida com arteterapia, ambas almejam a autonomia criativa, o desenvolvimento da comunicação, a valorização da subjetividade, a superação de problemas emocionais (VALLADARES; CARVALHO, 2005).

Qual a diferença entre arte-educação e arteterapia? A arte, por se tratar de uma produção tipicamente humana, carrega os traços do seu criador como

uma característica intrínseca. Assim, torna-se uma expressão complexa, nem sempre fácil em ser acessada. Como diz, Rudolf Arnheim, em seu livro *Arte e Percepção*:

Acontece com frequência vemos e sentimos certas qualidades numa obra de arte sem poder expressá-las com palavras [...] a linguagem não pode executar a tarefa diretamente porque não é via direta para o contato sensório com a realidade; serve apenas para nomear o que vemos, ouvimos e pensamos. De modo algum é um veículo estranho, inadequado para coisas perceptivas; ao contrário, refere-se apenas a experiências perceptivas. Estas experiências, contudo, antes de receberem um nome, devem ser codificadas por análise perceptiva. Felizmente, a análise perceptiva é muito sutil e pode ir além. Ela aguça a visão para a tarefa de penetrar uma obra de arte até os limites mais impenetráveis (ARNHEIM, 2005, p. X).

A transdisciplinaridade se dá, justamente, na sua capacidade transversal em atingir saberes que se relacionam com a multidisciplinaridade, que conversa e associa conteúdos e conceitos através das articulações com as demais disciplinas. A interdisciplinaridade mistura saberes que a cada dia se configura em novos campos do conhecimento, constituindo novas disciplinas, justamente, pela falta da rigidez na prática de segregação das disciplinas, o que poderá levar a várias especialidades. “A transdisciplinaridade seria, então, o livre trânsito entre os vários campos do saber, como se não existissem as fronteiras e os territórios que dão nome às especialidades, sejam elas disciplinas ou interdisciplinares” (FARIAS; 2010, p. 2).

Com isto, temos então a “MIT” Disciplinaridade que é o conjunto das abordagens *multi-inter-trans* que sem a extinção das disciplinas, mas com um novo olhar sobre elas, enfatizando e valorizando não apenas a hiper racionalidade, mas os outros processos de produção de conhecimentos e habilidades fundamentais do homem, como as sensações, os sentimentos e a intuição (FARIAS, 2010).

Não fomos ensinados a observar a natureza, a arte, a arte representada na natureza, a olhar atentamente buscando sentimentos e sensações. A educação do sensível, que nos traz o pedagogo e arte-educador José Francisco Duarte Junior, fala exatamente disto, da importância do saber do corpo (sensível) que nada tem a ver com o saber do intelecto, sobre isso ele diz:

Portanto são essas as duas instâncias entre as quais nos movemos na construção do sentido da vida, do conhecimento do mundo, a sensível dada pelo corpo; e a inteligível, representadas pelos signos em nossa

mente. Ambas se interinfluenciam e podem ser educadas (DUARTE JR; 2012, p. 362).

Podemos observar a importância do equilíbrio entre estes dois saberes com a frase: “o nosso tatear na incerteza é tão improdutivo quanto a cega obediência a regras” (ARNHEIM, 2005, p.3).

Não se pode discordar que toda subjetividade vem recheada de experiências e vivências do corpo, ou seja, da vida diária e cotidiana das pessoas. Ao procurar trabalhar e desenvolver a subjetividade é preciso valorizá-la, pois “toda a percepção é também pensamento, todo o raciocínio é também intuição, toda observação é também invenção” (ARNHEIM, 2005, p.5). Estes pontos de vista são importantes para a teoria e prática das artes.

Arte-educação e Arteterapia conversam sob viés de conceitos teóricos, estabelecem fronteira com a arte entre si, agregando dois campos do saber. A arteterapia está relacionada a saúde integral do indivíduo, vinculada a saúde psicológica. A arte-educação também utiliza os meios e os processos da arte adequadas as práticas pedagógicas, que como vimos anteriormente sofreu transformações no decorrer dos anos com diferentes nomenclaturas, devido as mudanças que ocorreram de um período para outro.

Com a proposta triangular da arte-educadora Ana Mae Barbosa, adotou-se como metodologia de ensino da arte, noções de intertextualidade, interculturalidade, estética do cotidiano que se vê diluída na vida e na produção visual em geral e práticas artísticas. Por outro lado, a arteterapia foi traçando o caminho e se firmando enquanto saber, “buscando tornar possível um ser humano mais consciente, mais livre para fazer suas escolhas e através da escuta e da valorização do indivíduo, fortalecer a autoconfiança ajudando esse indivíduo a se colocar e lidar com suas emoções” (MENEZES, 2013, p. 9).

A questão é: na Educação e principalmente na Pedagogia hospitalar é preciso que a arte-educação se aproxime mais da arteterapia? Essa questão merece aprofundamentos para outro estudo.

Podemos ver, contudo, a relevância da arte-educação neste processo de conhecimento, construção de saberes e do desenvolvimento do saber sensível, pois dentre as outras disciplinas, a arte em todas suas manifestações e através de sua transdisciplinaridade é a que mais nos ajuda a significar o mundo e a

existência, iluminando e desvelando aspectos não acessíveis ao conhecimento inteligível (DUARTE JR, 2012).

A contribuição da arte na vida de um estudante internado, onde é exatamente o sensível que se fragiliza e adocece junto ao seu corpo, podemos concluir que o equilíbrio entre os saberes não virá em primeiro, das disciplinas que desenvolvem o saber inteligível. Com isso, se faz cada vez mais necessária a presença de um arte-educador no ambiente hospitalar, é fundamental e faz parte do processo de humanização da Pedagogia Hospitalar, na qual tanto se preocupa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, a arte, a pedagogia hospitalar, a formação docente e a arte-educação foram os pilares para analisar, qual seu papel e sua contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos, em situação de internação, tendo a arte como subsídio. A educação deve estar onde a necessitam e cada vez mais, há espaços e lugares para a educação em ambientes fora da escola.

A Pedagogia Hospitalar é um destes lugares de ensino especial, que visa garantir o direito a educação, dos alunos que, por motivos de saúde, estão impossibilitados de frequentar a escola. O que antes era excludente, hoje integra, dando a oportunidade à continuidade de saberes e o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, como é de direito.

A classe Hospitalar, passou por vários processos, estudos e olhares aprofundados para trilhar caminhos humanizados entre saúde e educação, principalmente por se tratar de saúde e doença, angústia e alegria, medo e coragem, vida e morte. Contexto este, na qual o pedagogo hospitalar deve estar preparado para lidar com tais contradições e dualismos.

Em seu início, no séc. XX, a segunda guerra mundial foi o marco decisório para implementação das classes hospitalares. O processo de maturação, consciência e reflexão, para se chegar ao que hoje se considera necessário e ideal na Pedagogia Hospitalar, partiu do fato de que não se trata de um aluno comum, mas sim, de um aluno acompanhado por várias particularidades físicas e emocionais devido a realidade que se encontra e enfrenta. Por este motivo, não pode ser visto, tratado, exigido ou cobrado, com o mesmo objetivo e currículo seguido de atividades sistematizadas, de um aluno que frequenta a escola regular formal. O pedagogo hospitalar deve possuir e ter desenvolvido a sensibilidade necessária para ser capaz de observar e considerar através de sua intuição e conhecimento, a situação clínica e emocional, diária e cotidiana do aluno internado.

Isso requer a especialização do pedagogo, o que pede, uma maior interação, para se estreitar o vínculo, entre instituições educacionais e hospitais, pois o aprofundamento dos conhecimentos e especialização na Pedagogia Hospitalar, exige do profissional uma maior capacidade de gerir e lidar com as próprias emoções.

Através de residências, terá a oportunidade de saber, se possui ou não, os atributos necessários para mediar o processo de ensino/aprendizagem em classes hospitalares, ao lidar com tantas particularidades e com foco atingir o objetivo.

Se o bom professor deve possuir a autocrítica e análise de suas práticas pedagógicas, em um ambiente hospitalar, exige-se inteligência emocional, formação mais humanizada e especializada, capacidade para uma análise mais profunda de suas ações pedagógicas, para que esteja de acordo com as necessidades do aluno internado e de toda peculiaridade dentro do contexto hospitalar ao ter que lidar, também, com uma equipe médica, regras a serem seguidas e a inclusão e participação dos familiares em todo este percurso.

Para o estudante internado e para os familiares, a fragilização está em lidar com o novo e o incerto, onde, muitas vezes a única válvula de escape é algo tampouco palpável, a Esperança.

Cabe ao professor especializado, através de sua sensibilidade e autogestão emocional, saber que, o mais importante no momento é trabalhar com a educação do sensível, na qual o arte-educador João Francisco Duarte Junior, tanto nos fala, no intuito de ressignificar o presente.

É aí que a arte entra, “a arte existe porque a vida não basta”, como diz o poeta e artista Ferreira Gullar, a arte veio para enriquecer a vida. Ela acrescenta a vida, principalmente em um lugar, onde o espaço é limitado, o som é silenciado e o cheiro predominante, é do remédio.

O arte-educador é o elo, a mediação para a conexão com os sentidos, com o imaginário, com o lúdico, com os saberes da vida e do corpo, este saber vivido que vem antes do saber inteligível. Por isso, a arte é tão necessária e fundamental para o estudante em internação, que tem sua interação social comprometida. Nesse contexto, a arte pode permitir que se vivencie sentidos e sentimentos como se fossem reais e tão necessários para nossa alma e nossa vida.

O contato consigo mesmo, em uma interação intrínseca e interpessoal dependerá da ação do arte-educador como mediador, que contribuirá com o desenvolvimento das potencialidades artísticas, criativas e emocionais do aluno, de forma a trabalhar o *Ser* por inteiro, integralmente.

O saber inteligível, não deve estar na frente do saber sensível. Assim como a ciência estuda e classifica as coisas para saber onde se dará o próximo passo, o arte-educador deve saber e conhecer o aluno a partir das classes a qual ele pertence, para só assim entendê-lo. Vigotski nos traz, é a partir da valorização cultural e do conhecimento dos resultados da interação dialética do sujeito com seu meio, que o arte-educador poderá trazer mais significação para o aluno, em suas práticas e objetivos. Permitindo uma educação mais inclusiva, integrada e humanizada, amenizando os efeitos negativos da internação.

A educação humanizada, no ambiente hospitalar, busca ver o aluno como um ser inteiro e não apenas um aluno-paciente visto pela sua doença, onde a inclusão se dá também ao voltar o olhar para os familiares também.

A arte exige visão e ação, como nos diz Humberto Rohden, em seu livro *Filosofia da Arte*, “arte (em latim) vem de *ágere*, que quer dizer agir. Arte é, pois, ação ou atividade” (ROHDEN, 1966, p. 18). Rohden diz que o agir é um processo concreto e individual, mas que primeiro vem o ver, dentro da filosofia da arte, em termos gregos, é a visão (*theoria*) e ação (*praxis*).

Neste trabalho podemos ver as contribuições de Alfredo Bosi e Eisner ao fazerem uma reflexão sensível sobre o caminho que a arte percorreu até chegar ao concreto, a produção, o raciocínio, o imaginário, os sentimentos entre outros, ou seja, a arte exercita e ativa o pensamento artístico e intelectual, desenvolvendo assim, o saber dos sentidos e percepções, trazendo assim, contribuições para o desenvolvimento da aprendizagem tendo a arte como subsídio.

Na internação, o aluno se encontra em um período de fragilidades e rupturas com o mundo lá fora, impedindo vivências e experiências que levam a sensações e emoções que contribuem para o seu desenvolvimento integral e cognitivo. A arte em sua MIT (multi-inter-trans) disciplinaridade, traz o contato consigo que permite e possibilita novas sensações e emoções, aproxima experiências que irão desenvolver seu pensamento, imaginação e criatividade. Como diz Vigotski, é através das emoções que se desenvolve a imaginação e conseqüentemente o pensamento. A arte tem um papel fundamental neste processo, ou seja, a arte ajuda a desenvolver a aprendizagem, a cognição, principalmente nos alunos em estado de internação, contribuindo com a Pedagogia Hospitalar e se fazendo necessária a presença do arte-educador

nestas instituições de saúde, como mediador neste processo, uma disciplina fundamental que contribui para o aprendizado de todas as outras disciplinas. Neste contexto hospitalar, a arte seria o pilar que fortalece o desenvolvimento da aprendizagem.

REFERENCIAS

ANDRADE, Elane Silva de; SILVA, Neilton da. **Pedagogia hospitalar: fundamentos e práticas de humanização e cuidado**. Cruz das Almas/BA: Editora UFRB, 2013.

ARNHEIM, Rudolf. **Arte e Percepção**: uma psicologia da visão criadora. Tradução Ivone Terezinha de Faria. São Paulo: Pioneira, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte / Educação contemporânea**: consonâncias internacionais. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. Arte, educação e cultura. **Revista Textos do Brasil: educação para um desenvolvimento humano e social no Brasil, Itamaraty, Departamento Cultural**, v. 7, 2004.

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo. **Revista Digital Art&**, v. 10, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. Síntese da Arte-Educação no Brasil: duzentos anos em seis mil palavras. **Revista Polyphonia**, v. 27, n. 2, p. 19-39, 2016.

BARBOSA, Rosana de Viveiros. **As artes visuais nas escolas estaduais da superintendência regional de conselheiro Lafaiete**: o panorama e uma análise do material didático. UFMG, Belo Horizonte/MG, 2014.

BARROS, Alessandra Santana Soares e. Contribuições da educação profissional em saúde à formação para o trabalho em classes hospitalares. **Cad. CEDES**, v. 27, n. 73 Dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/9ypnzYpSWNt366Gw5GMHmTp/?lang=pt>

BOSI, Alfredo. Cap. 1 - Arte é Construção. In: Bosi, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática S.A, 2º edição, 1986 p. 13-22.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997

BRASIL, Lei nº 13.716, de 24 de setembro de 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para assegurar atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado. **Diário Oficial**, Brasília, 24 set. 2018.

CARVALHO, Ana Maria Pimenta; VALLADARES, Ana Claudia Afonso. Modelagem em Sessões de Arteterapia no Contexto Hospitalar Pediátrico. **REME, Revista Mineira de Enfermagem**, Goiânia/GO, v. 9, n.2, p.126 - 132, jan/mar, 2005. Disponível em: <https://reme.org.br/artigo/detalhes/450>

CHARREU, Leonardo. A pesquisa educacional baseada nas artes (PEBA): Os seus elementos literários de concepção segundo Elliot Eisner. Escola superior

de educação Instituto Politécnico de Lisboa- CIEBA/CIED, **RPEA, Revista Portuguesa de Educação Artística**, Lisboa/PT, v. 8, n. 1, p. 17 – 29, 2018. Disponível em: <https://rpea.madeira.gov.pt/index.php/rpea/article/view/43/49>

DIAS, Maria Madalena Tenório da Silva; RODRIGUES, Karina Gomes. Pedagogia Hospitalar: o pedagogo e suas práticas educativas em espaços não escolares. **EDUCERE** - PUCPR, Formação de professores; contextos, sentidos e práticas. ISSN:2176-1396, 2017. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23541_13120.pdf

DUARTE, João Francisco Jr. Entrevista 1 João Francisco Duarte Junior. **Revista Contra Pontos** – Eletrônica, v. 12, n. 3, p. 362-367, set/dez 2012. Disponível em: <https://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/4039/2387>

DUARTE, João Franciso Jr. **Por que arte-educação?** 19ª Ed. Campinas: Papyrus Editora, Coleção Ágere, 2008.

DUARTE, João Francisco Jr. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. 2000. 234 p. Tese (Doutorado). Faculdade de Edicação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2000. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296827388.pdf>

DOS SANTOS, Márcia Do Socorro; LACERDA, Elizabeth Costa Melo. A contribuição da arte na educação. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 4, p. 42945-42957, 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/28987>

EISNER, Elliot. O que pode a educação aprender das artes sobre a prática da educação? **Revista: Curriculum sem fronteiras**, v.8, n.2, p. 5-17, ISSN 1645-1384, Brasil, 2008. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/curriculo-sem-fronteiras/articulo/o-que-pode-a-educacao-aprender-das-artes-sobre-a-pratica-da-educacao>

FARIAS, Sergio Coelho Borges. A mit-disciplinaridade como desafio para os profissionais de arte e educação na contemporaneidade. **Anais ABRACE**, v. 11, n. 1, Campinas/SP, 2010. Disponível: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/viewFile/3747/3905>

SILVA, M. B. e; GALVÃO, A. M. de O. Concepções de arte na educação. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 35, p. 141–159, 2012. DOI: 10.20396/rho.v9i35.8639619. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639619>.

KONDER, Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2003.

MAGALHÃES, Marcos Vinícius Silva. **Arte/Educação em Hospital:** uma reflexão sobre as estratégias de ensino das artes visuais na classe hospitalar, 2021.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: A humanização integrando educação e saúde**. Brasil. Petrópolis: Ed Vozes, 2006.

WIESE, Maria do Carmo Silva; MATOS, Elizete LM. Trilhando sob novos olhares e novos desafios na Pedagogia Hospitalar. **International Journal of Knowledge Engineering and Management (IJKEM)**, v. 2, n. 3, p. 66-82, 2013.

MENDES, Jessica Toneloto; OKOCHI, Regiane Cristina Neto. Arte-Educação e Saúde Mental; a inserção do arte-educador. **Ver. Cient. Novas Config. Diálogo Plur.** Luziânia/GO, v.1, n.2, p.29-38, 2020.

MENEZES, Tatiana Duarte. **Fronteira entre a arteterapia e a arte/educação: uma narrativa ficcional em contexto hospitalar**. 2013. 44 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Plásticas) Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7620/1/2013_TatianaDuarteMenezes.pdf

MOREIRA, Márcia Adriana Dias Meirelles et al. Políticas públicas de humanização: revisão integrativa da literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, p. 3231-3242, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/csc/2015.v20n10/3231-3242/pt/>

MOTA, Roberta Araújo; MARTINS, Cileide Guedes de Melo; VÉRAS, Renata Meira. Papel dos profissionais de saúde na política de humanização hospitalar. **Psicologia em estudo**, v. 11, p. 323-330, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/RvZzMgdxZngYscGQsGNWHvF/?lang=pt>

MUTTI, Maria do Carmo da Silva. **Pedagogia Hospitalar e Formação Docente: a arte de ensinar, amar e se encantar**. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2016.

OMAR, Amanda Caline; NETO, Inácio Alves Dantas. **Humanização formação e ensino: reflexões sobre práticas de arte/educação no contexto hospitalar**, 2014.

OLIVEIRA, Tyara Carvalho de. Um breve histórico sobre as classes hospitalares no Brasil e no mundo. In: **XI Congresso Nacional de educação/EDUCERE, II Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, IV Seminário Internacional sobre profissionalização docente [Internet]**. Curitiba/PR-Brasil, 2013.

OLIVEIRA, Marta Khol de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, v. 4, 1997.

PERES, José Roberto Pereira Peres. Questões atuais do Ensino de Arte no Brasil: O lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular. **Revista do Departamento de Desenho e Artes Visuais**, v. 1, n. 1, p. 24, 2017. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/revistaddav/article/view/1163>

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky**: Uma perspectiva histórico-cultural da educação. 10ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ROHDEN, Huberto. **A Filosofia da Arte**: a Metafísica da verdade revelada na estética da beleza. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S. A, 1966.

ROLIM, Carmen Lucia Artioli. Entre escolas e hospitais: O desenvolvimento de crianças em tratamento hospitalar. UNICAMPI, **Pro-Posições**, v.26, n.3, Campinas/SP, sep-dec 2015.

ROLIM, Carmem Lucia Artioli. Educação hospitalar: uma questão de direito. **Actualidades Investigativas en Educación**, v. 19, n. 1, p. 700-719, 2019. Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?pid=S1409-47032019000100700&script=sci_arttext&lng=pt

SOUZA, Zilmene Santana; ROLIM, Carmem Lucia Artioli. As Vozes das Professoras na Pedagogia Hospitalar: Descortinando Possibilidades e Enfrentamentos. **Revista Brasileira de Educação especial**, v.25, n.3, Bauru/SP, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-65382519000300004>

SOUZA, Ana Paula. BRAS, Clariliz Fátima de. **Reencantar a educação**: limites e possibilidades na educação básica. **X Congresso Nacional da Educação- EDUCERE, I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação**, Curitiba, SC, nov.2011.

TINÈE, Carolina; ATAÏDE Sandra. **A atuação do pedagogo em classes hospitalares**, São Paulo, 2012.